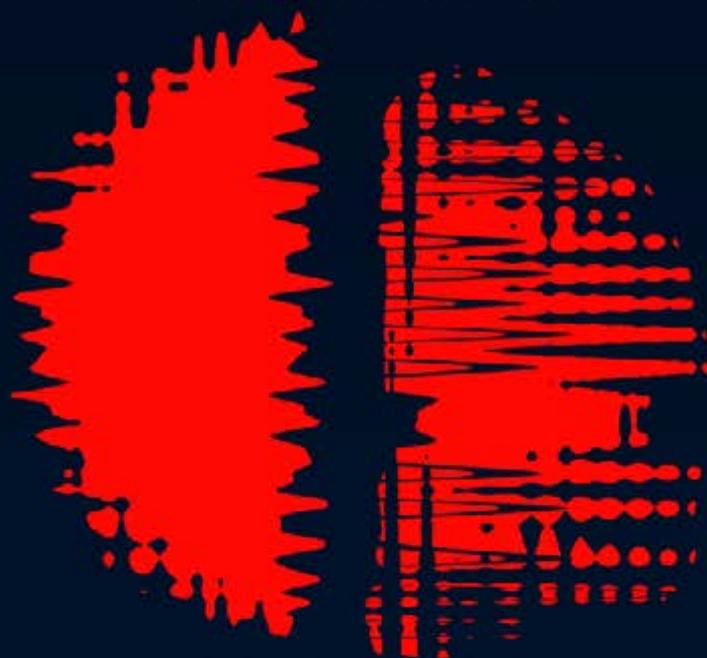


XXV ENCONTRO BRASILEIRO
DO CAMPO FREUDIANO



OS CORPOS
APRISIONADOS
PELO DISCURSO
... E SEUS RESTOS

BOLETIM

C  DA

#07

SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL
- 5 NOTAS E TONS
- 23 ...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES
- 27 ARTE E CULTURA

EDITORIAL

Patricia Badari (EBP/AMP)
Diretora Geral da EBP

“Os corpos aprisionados pelo discurso ...e seus restos” – XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Um Encontro que é precedido por vinte e quatro outros Encontros e que conta com uma comunidade de trabalho. A EBP, suas instâncias, suas Seções, seus membros, cada colega que contribui com sua escrita, com sua elaboração em textos, podcasts, com o envio de trabalhos para a jornada clínica, discussões em preparatórias e os trabalhos em comissões. Um Encontro que só é possível porque há o trabalho daqueles que sabem “colocar o bloco na rua”, que nos instigam, nos acolhem e preparam, inclusive, toda a infraestrutura para nos receber presencialmente em novembro.



Ianah Maia
Ser paisagem, 2021

Contamos com uma comunidade de trabalho para que aconteça o XXV EBCF, embora saibamos que “todo conjunto humano comporta em seu fundamento um gozo deslocado, um não saber fundamental sobre o gozo, que corresponderia a uma identificação”¹. É uma lógica que está no fundamento de todo laço social, uma “lógica de toda assimilação ‘humana’, precisamente na medida em que ela se coloca como assimiladora de uma barbárie”² possível.

Estamos advertidos de que essa lógica, suas escansões e modulação temporal estão contidas, inclusive, em um trabalho de Escola. O saber do psicanalista depende disso, ao mesmo tempo que a presença do analista está colocada em questão. É o que leremos nos textos deste último CODA.

A “presença do analista em corpo e o ato perturbando a defesa com um forçamento em direção ao real”, como nos traz Carla Fernandes. A presença do analista que “empresta o corpo para ser o suporte de uma presença a serviço do ato”, como afirma Andréa Reis. “A presença do analista que toma forma de α . Na posição de semblante de α oferece-se à ressonância da língua de cada um”, segundo Jordan Gurgel. Mas, também, podemos dizer que quando Lacan nos coloca a questão dos “corpos aprisionados pelo discurso”, ele coloca “o analista na berlinda”,

1 Laurent, É. “Racismo 2.0”. In: *Lacan Cotidiano*, n. 371, 2014. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com/2014/02/lacan-cotidiano-n-371-portugues.html>

2 Lacan, J. “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”. In: *Escritos*. RJ: Zahar, 1998, p. 213.

como destaca Maria Josefina Sota Fuentes: “o analista estará tanto mais à altura de sustentar a psicanálise no mundo, seja aonde for, quanto mais for capaz de dar corpo, com sua presença e seu dizer, não à fratria dos corpos, à SAMCDA, mas a um objeto precioso, ausente no mercado: o vazio em causa do desejo, ali onde qualquer relação de domínio queira dele se apossar”.

“Analista: presente!” e “Clínica: presente!”. Qual “a possibilidade para se construir um corpo que prescindia do aprisionamento nas insígnias identificatórias do Outro social”? Do resto e do nó, a escrita em jogo com relação ao Um do gozo é o que nos traz Marcus André Vieira em seu texto. E mais, nos traz a precisão sobre o que é uma parte (não enumerável) e o que é um elemento (contabilizável) de um conjunto.

Do zero e do não-enumerável; o Um e o conjunto vazio, trazidos por Marcus, nos colocam em conversa com o recorte clínico trazido por Renato Vieira sobre “a contingência de um encontro e seus efeitos no campo do Outro. (...) O parceiro (deste falasser) toca uma parte de seu corpo de forma memorável, prazerosa e repulsiva”. E ainda segundo Marcus André, podemos “sempre contabilizar os orgasmos, mas nunca totalmente o gozo vivido, diferença que o que o modo de laço discursivo dito “macho” não entende. O conjunto do que posso contar de um encontro amoroso, sempre parece menor do que foi a experiência. Ela é feita de tudo o que posso contar dela e mais todo o resto que não consigo transmitir”.

Essa e muitas outras conversas se darão em novembro! Então, deixo aqui outras tantas questões colocadas neste último número de CODA, para conversarmos presencialmente em São Paulo.

“Qual a relação entre linguagem e corpo? Como favorecer, no horizonte de uma análise, que o real do sintoma seja tocado, indo além do adormecimento do sentido, da estrutura de ficção que o analisante construiu em torno do furo?”, perguntas que nos coloca Carla Fernandes. “O Há Um é distinto do atributo de uma classe, portanto, não tem nada com o universal; é o Um que comanda e cria o ser, que varre a ideia do dois da relação sexual, fazendo prevalecer a dimensão do real. Nesta direção, a via do Um-sozinho do gozo nos leva a questionar: Quais consequências podemos extrair desta mudança? Como intervir a partir do real e não mais se referenciar no desejo?”, questões que nos são endereçadas por Jordan Gurgel. “Seria possível, ao menos para o analista, despertar do sonho ao *amanhecer em Baltimore*?”, pergunta Maria Josefina. “Como poderíamos pensar a festa que ocorre como parte do rito em que corpos são tomados pela experiência mística?” é a questão trazida por Wilker França a partir da cultura Yorubá e dos rituais do candomblé. E “o que parece incontornável é saber o que poderia se instalar como possível tratamento dos racismos que se apresentam e seguirão se apresentando no mundo, se haveria uma solução universal para tratar desse gozo em sua pluralidade a partir de nossa ética?”, pergunta levantada por Nelson Matheus a partir da ciranda de Lia de Itamaracá.

A solução não é universal – Lia de Itamaracá nos ensina seu saber fazer singular a partir do que advém da cultura popular. E os psicanalistas? Será que estão advertidos de que há a possibilidade de constituir uma comunidade a partir de uma lógica de “identificações não segregativas”?

Boa leitura e até novembro, em São Paulo, com os corpos presentes!

NOTAS E TONS

Linguagem e incidências do real no corpo

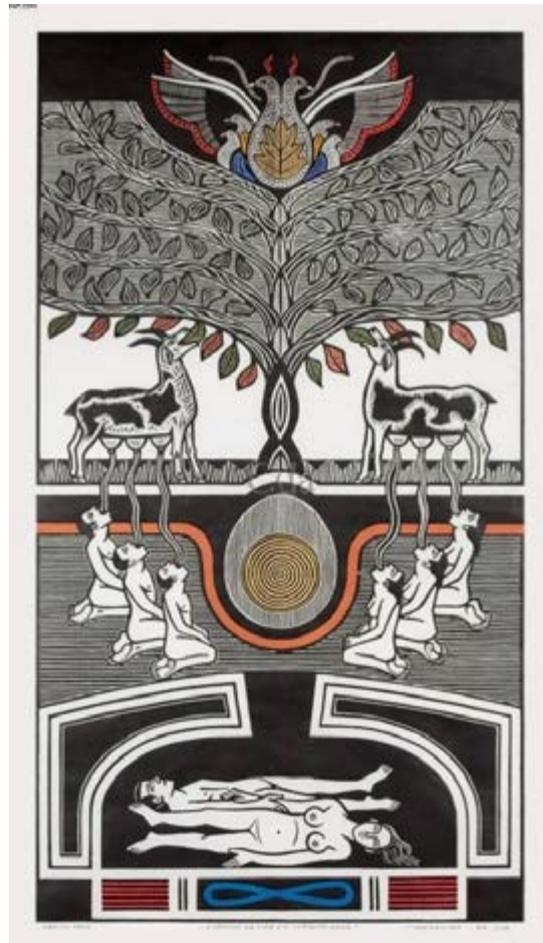
Carla Fernandes (EBP/AMP)

O tema do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano abre um campo de investigação sobre as noções de corpo e discurso no ensino de Lacan. Partindo da ideia da linguagem enquanto estrutura¹, uma interrogação permite trilhar uma via: qual a relação entre linguagem e corpo? A noção de sintoma, que atravessa a experiência de uma análise e a própria psicanálise desde seus fundamentos, permite bordejar, não sem um esforço de poesia, a incidência do real e seus efeitos.

Lacan, na *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, indica que a linguagem é um cancro que “implica, desde o início, em uma espécie de sensibilidade”². A linguagem introduz a função da fala, parasita que vem habitar um corpo³, aparelhando gozo e significante. Se por um lado, isso é o que produz a experiência humana e permite a entrada no discurso, fazer laço, por outro, repercute em embaraços com o corpo. A ancoragem do ser falante na linguagem subverte o programa biológico da sexualidade, que visa a reprodução, colocando em circuito o campo pulsional. Isso põe em causa uma falha constitutiva no *fallasser* [*parlêtre*], correlata à inexistência da relação sexual⁴.

O corpo é constituído no equívoco do encontro com significantes que marcam e ordenam o modo de gozo, junto com a imagem pela qual o homem é capturado⁵. Aqui o imaginário adquire consistência, é o que permite em torno do furo fazer um mundo. É a partir disso que se constroem ficções, a capacidade de elucubrar um saber em torno do que é produzido como marca, *lalíngua* [*lalangue*]. Essas ficções, produtos da maquinaria de sentido, regem o ser falante. Trata-se de algo que se opera no fundamento da falha estrutural do Outro do significante.

Desde o princípio da psicanálise, a experiência freudiana nos ensina que o corpo é afe-



Gilvan Samico

A Árvore da vida e o infinito azul, 2006

1 Lacan, J. “O aturdido”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

2 Lacan, J. “Conferência de Genebra sobre o sintoma”. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Eolia, n. 23, dezembro 1998, p. 2.

3 Lacan, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

4 Skriabine, P. “A Revolução Lacaniana: a estrutura topológica da experiência humana”. In: *Agente Digital*. Revista de Psicanálise, nova série, n. 8, ano 2, abril de 2003.

5 Idem.

tado pela linguagem. O inconsciente é uma engrenagem que incide no corpo, produzindo sintomas. Essa foi a lição das pacientes histéricas de Freud. Durante as sessões de análise da paciente Elisabeth von R., Freud constata que as “suas pernas doloridas começaram a participar da conversa”⁶, ou seja, aparece aí a dimensão da sensibilidade do corpo à palavra, sob transferência. Ele ficava surpreso ao se dar conta de que, por meio de uma pergunta à paciente, surgia o sintoma do qual se queixava. Sobre isso, afirma: “a dor assim despertada persistia enquanto a paciente estivesse sob influência da lembrança; alcançava seu clímax quando ela estava no ato de me contar a parte essencial e decisiva do que tinha que comunicar, e com a última palavra desse relato, desaparecia”⁷.

Na análise desta paciente, Freud já evidencia o paradoxo de uma espécie de satisfação na dor e um doloroso sentimento de desamparo que se liga à impotência de “dar um único passo à frente”⁸. Disso depreende-se que a palavra tem o poder, em termos da relação com o discurso, de fazer um sintoma entrar na conversa. O que capturava o corpo dessa paciente, impossibilitada de seguir em frente, se endereçava ao analista. Entretanto, na tentativa de produção de uma ficção para enunciar a verdade sobre o sintoma, decifrando um sentido, Freud⁹ foi se deparando com os impasses no tratamento, chegando à perspectiva de que há uma vertente do sintoma que persiste, em termos de satisfação pulsional, que é da ordem de um incurável.

Lacan promove uma torção, propondo no horizonte da psicanálise algo distinto da prevalência simbólica na histeria: “o real como ideia limite, a ideia do que não tem sentido”¹⁰. Nessa perspectiva, o sintoma é o parceiro sexual e esse parceiro, é o próprio modo de gozo do *faller*. Segundo Miller: “é evidente que o parceiro fundamental do sujeito não é o Outro como pessoa, nem como lugar da verdade. Ao contrário, o parceiro do sujeito, o que a psicanálise sempre percebeu, é algo dele próprio: a sua imagem (...) seu objeto *a*, seu mais-de-gozar e fundamentalmente o sintoma”¹¹.

Como favorecer, no horizonte de uma análise, que o real do sintoma seja tocado, indo além do adormecimento do sentido, da estrutura de ficção que o analisante construiu em torno do furo? Trata-se de uma aposta sustentada por Lacan, na medida em que propõe o discurso analítico apoiado na lógica, ciência do real: “lembro que é pela lógica que esse discurso toca o real, ao reencontrá-lo como impossível, donde é esse discurso que a eleva a sua potência extrema: ciência, disse eu, do real”¹². Lacan nos ensina que é preciso arriscar por essa via, extrair as consequências de uma abordagem que visa o real.

Em uma Conferência proferida em Salvador, Pierre Skriabine pôde transmitir a incidência,

6 Freud, S. *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 173.

7 Idem.

8 Idem, p. 177.

9 Freud, S. *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

10 Laurent, E. *Falar com seu sintoma, falar com o corpo*. VI ENAPOL. Disponível em: Falar com seu sintoma, falar com seu corpo – VI ENAPOL.

11 Miller, J-A. “A teoria do parceiro”. In: *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. EBP: Contra Capa Livraria, 2000, p. 156.

12 Lacan, J. “O aturdido”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

na análise com Lacan, da presença do analista, em corpo, e o ato perturbando a defesa com um forçamento em direção ao real:

Lacan não tinha medo do ato. E ele batia com força. Ele operava em um mundo tórico. Ele conduzia o sujeito analisando neste espaço a-esférico (...) no avesso do ponto onde acreditávamos estar, e onde era necessário aprender a se orientar de forma diferente (...). E ele lhes colava significantes, os de vocês. Ele os colocava sem defesa face ao desejo de vocês, sem se preocupar com o resto. Lacan operava sobre a estrutura, tão feroz quanto gentil.¹³

13 Skriabine, P. "A Revolução Lacaniana: a estrutura topológica da experiência humana". *Op. cit.*, p. 16.

Há Um: corpo – memória

Renato C. Vieira (EBP/AMP)

Pretendo abordar a dimensão de um corpo aprisionado pelos discursos através da contingência de um encontro e seus efeitos no campo do Outro. Acontecimento único, traumático e assemântico que produz efeitos de um gozo persistente. Um dizer silencioso da pulsão que deixa marcas indelévels.

Uma experiência analítica vai do sintoma à fantasia e seu retorno – retorno que pressupõe o conceito de *Sinthoma*. O *Sinthoma*, chave do último ensino de Lacan, “designa o que há de comum entre sintoma e fantasia, a saber, o modo singular de um sujeito gozar”¹.

A orientação para o singular ultrapassa o trabalho de memória. Este trabalho pertence a um outro registro, àquele que visa a balizar as repetições e a interpretação analítica.

Ana vem à análise com um diagnóstico psiquiátrico, uma defesa contra o real. Defesa que emergiu em seu primeiro encontro sexual, *uma besteira*. Seu parceiro toca uma parte de seu corpo de forma memorável, prazerosa e repulsiva. A partir desse instante, uma série de sintomas brota em seu corpo e a leva a uma internação psiquiátrica, onde um diagnóstico cai como uma luva para alimentar suas fantasias, que passam a ser interpretadas como alucinações.

Meu médico é aquele que aceita, de um modo geral, que eu o instrua sobre o que somente eu estou fundamentado para lhe dizer, ou seja, o que meu corpo me anuncia por meio dos sintomas e cujo sentido não me é claro. Meu médico é aquele que aceita que eu veja nele um exegeta antes de vê-lo como reparador.²

A análise visa ao X desse acontecimento memorável. Acontecimento que lhe faz sofrer e, paradoxalmente, serve como modo de gozar do sintoma. Isolar o X da *besteira* é uma estratégia adotada para que Ana possa construir um saber-fazer com o seu trauma inaugural.

Lacan indaga de onde parte o que é capaz de responder pelo gozo do corpo do Outro. Ele afirma que não é do amor e sim do *amuro*, isto é, daquilo que aparece em signos bizarros no corpo.



Ed Ribeiro. *Oxalá*.

1 Miller, J.-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 70.

2 Canguilhem, G. *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 45.

São esses caracteres sexuais que vêm do além, desse local que temos acreditado podermosocular no microscópio sob a forma de gérmen – a respeito do qual ... não se pode dizer que seja a vida, pois aquilo também porta a morte, a morte do corpo, por repeti-lo. É de lá que vem o mais, o em-corpo, o A inda. É, portanto, falso dizer que há separação do soma e do gérmen, pois, por alojar esse gérmen, o corpo leva seus traços. Há traços no amuro. (...) são traços apenas. O ser do corpo certamente que é sexuado, mas é secundário, como se diz. E como a experiência o demonstra, não são desses traços que depende o gozo do corpo, no que ele simboliza o Outro.³

Ler o sintoma leva a perceber o gozo no sofrimento. Ainda não estamos, contudo, na dimensão do gozo do corpo. Até aqui, situamo-nos pela economia de um condensador de gozo, estritamente ornamentado pela castração⁴. Na perspectiva da economia do corpo que se goza, há um real, isto é, “o mistério do corpo falante, o mistério do inconsciente”⁵.

Na experiência analítica, algo do sintoma escapa à dimensão semântica e faz ecoar uma repetição que indica um real como marca do encontro faltoso. Algo que, para Ana, ressoa no corpo para, logo em seguida, ser recoberto como defesa do real trauma. Aqui, sintoma e fantasia se alinham visando a ofuscar o mistério do corpo falante. Todavia, a pulsão insiste – há um não-sei irreduzível que repercute, apesar das muralhas erigidas pela máquina de diagnosticar.

De acordo com Lacan, a presença do analista se inclui no conceito de inconsciente. Todavia, ele nos adverte que a função do ratear está no centro da repetição analítica. O Encontro é sempre faltoso. Logo, “o que pode, no final das contas, levar o paciente a recorrer ao analista para lhe pedir algo que se chama saúde, quando seu sintoma (...) é feito para lhe trazer certas satisfações”⁶.

O analista trata a insatisfação que surge do sintoma, advertido de que tudo o que os pacientes são, mesmo os seus sintomas, dependem de uma satisfação. Eles não se contentam com seu estado de sofrimento, mas, mesmo assim, eles se contentam com esse estado pouco contentador. A questão está nesse se, que está aí contentado⁷.

Nós sabemos que as formas de arranjo que existem entre o que funciona bem e o que funciona mal constituem uma série contínua. O que temos diante de nós, em análise, é um sistema onde tudo se arranja, e que atinge seu tipo próprio de satisfação. Se nós nos metemos com isto, é na medida em que pensamos que há outras vias (...). Em todo caso, se nos referimos à pulsão, é na medida em que é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado.⁸

Para a psicanálise, o sujeito não é aquele que pensa. “O sujeito é, propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo – não se pode dizer tudo – mas a dizer besteiras, isso é tudo. (...) com essas besteiras vamos fazer análise e entramos no novo sujeito que é o do inconsciente”⁹.

3 Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 13.

4 Miller, J-A. *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Op. cit., pp. 70-71.

5 Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 178.

6 Lacan, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, pp. 123-131.

7 Idem, p. 158.

8 Idem.

9 Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 33.

Com efeito, a substância do corpo se define apenas como isso que se goza. “Eis a propriedade de um corpo vivo, mesmo não sabendo o que é estar vivo – um corpo, isso se goza. Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significativa”¹⁰.

Desse modo, os efeitos que um significante primevo produz no corpo capturam e perturbam o ser falante. Por sua vez, os efeitos memoráveis desse acontecimento repercutem no campo do Outro.

Aprisionados pelos discursos, somos aquilo que achamos que dizemos o que queremos.

Todavia, uma análise pode nos levar aos restos sintomáticos e a cingir um gozo não variável. Na psicanálise, um corpo vivo é condição do gozo opaco ao sentido. Definitivamente, Lacan nos ensina que o gozo da fala (do sentido) é distinto do gozo do corpo (substância gozante). Ana, em análise, diz: *ouço vozes, mas ninguém me diz nada*. A seguir ela se indaga: *será que essas vozes são minhas?*

10 Idem, p. 35.

A parte que me cabe...¹ (Notas sobre o último ensino e a clínica psicanalítica)

Marcus André Vieira (AME da EBP/AMP)

De Uns²

Parece anacrônico promover o Um, como faz Lacan no *Seminário 19*, quando estamos banhados, hoje, em ampla idealização do múltiplo, das múltiplas tribos, sexualidades, identidades. Tudo o que é plural e diverso parece superior ao que é unitário e geral.

A multiplicidade, tão idealizada em nossos dias, torna-se apenas enxame, quando não guerra de tribos, se não estiver em relação com algum modo de coesão e coerência que lhe confira um mínimo de unidade. Então, mais que nunca, esse seminário é atual. Resta delimitar do que ele trata quando fala em Um.

Em primeiro lugar, vamos ao que não é o Um de que fala Lacan nesse seminário.

Não é o Um da exceção, o um dito patriarcal. Este, é vazio. A exceção, seja o rei ou o papa, não faz parte do conjunto e, nesse conjunto, ela é um ponto-cego, um furo - tal como Freud dramatizou em *Totem e Tabu*. Quando um coletivo se estabelece desse modo é porque o pai já morreu e só se apresenta como fantasma. É o poder da cadeira vazia do fundador.

Essa estrutura do discurso do mestre está presente nos laços patriarcais - desde que não se confunda patriarcado com autoritarismo puro e simples, do tirano, ou do chefe obscuro de seita. Muitas vezes, porém, nos balizamos pelo mestre, esquecendo o quanto o poder da exceção está combalido. Desse modo, nos limitamos, como disse Caetano, a atirar pedras amanhã no velhinho que morreu ontem. Sabemos que o mestre contemporâneo não é mais



Ed Ribeiro. Exu.

1 Texto redigido para a apresentação na Preparatória da EBP - Seção Rio de Janeiro, para o XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, "Os corpos aprisionados pelos discursos ...e seus restos", com Ana Tereza Groisman e Paula Borsó. Este texto não existiria sem rica conversa prévia com ambas, assim como o trabalho de dez cartéis preparatórios para o evento que nos enviaram suas questões e reflexões e que retomo em parte ao longo do texto.

2 O título de nosso Encontro põe em cena os *corpos*, as *falas* (modos de fala, discursos) que os atravessam (e mais que isso, os constituem) assim como o que *resta* desse encontro, o que resta de vivente nunca totalmente colonizado, em nosso ser, pelos discursos. É uma articulação mais ou menos conhecida por nós, lacanianos. Ao mesmo tempo, são temas "pé-no-chão", mundanos. Mas, a escolha do *Seminário 19* e deste momento do ensino de Lacan nos leva ao coração do que Miller recortou na continuidade dos seminários e denominou *último ensino*. Em seus últimos seminários, Lacan introduz toda uma série de conceitos-ferramenta e nenhum deles parece muito "pé no chão": o nó, o litoral, o sinthoma, a ex-sistência, a pai-versão, lalíngua, o falasser, entre outros neologismos, que pedem para ser mais explorados em seu uso clínico, como ferramentas. Especialmente com relação ao *Seminário 19*, um destes temas chama a atenção. É o tema do Um - do que em nossa experiência pode sustentar unidade ou não.

este, mas, sim, o capital. Ora, o mercado não se organiza em torno de subordinação à exceção alguma. Nada se excetua ao ilimitado do mercado, ninguém o governa, nem mesmo a tal “Faria Lima”.

O Um na análise não é tampouco o Um da paranoia que cresce exponencialmente quando se evapora o Um do mestre. É quase impossível viver coletivamente sem alguma unidade. O Um paranoico vem, então, desempenhar esse papel. É o Um do inimigo designado, corporificado, contra o qual todos devemos lutar; se não há inimigo, inventa-se um. Disso, temos tido grande amostra nos últimos anos, mas é bom lembrar que o Um paranoico não é apenas o do ódio, pode ser o do amor louco, a erotomania do ídolo, por exemplo.

O termo de J. A. Miller para resumir a generalização desse Um imaginário, de um imaginário rígido – onde entram não apenas o da paranoia, como também as identificações excessivamente rígidas de hoje –, é perfeito: o *Um-dividualismo* contemporâneo.

Do Um e da análise

Em uma análise, há um evidente *Um*. É a unidade corporal, a unidade do narcisismo em consonância com a consciência e com o eu, descrita por Lacan no “Estádio do espelho...”, em sua estrutura e sua formação. Mais uma vez, o Um visado por Lacan em seu último ensino, não é este.

O Um em questão só se apresenta em um plano paradoxal, pouco “pé-no-chão”. Como denominar este plano? Proponho o modo como Miller o descreveu certa vez: *Aquém do recalque*. Aquém, ou seja, anterior à instauração do Um edípico, da exceção como furo, que é o poder da castração generalizada, que sustenta a tensão dialética entre o Um da consciência e o múltiplo do inconsciente.³ Este plano, o de um gozo *opaco*, será acessado por Lacan, longe de qualquer negatividade, a partir dos empréstimos por ele feitos junto àquilo que a teoria dos conjuntos delimita como Um.

Em nossa comunidade, falamos em campo *Uniano* e em *Um do gozo*, mas a expressão original e bastante precisa de Lacan é *haum* [*il y a de l'un*]; mais uma de tradução impossível, especialmente por conta do uso do partitivo com a preposição *de* que não usamos no português. Tentamos, na versão brasileira do seminário, escrever *haum*, tudo junto e com minúsculas, para desvalorizar o Um, para não acreditarmos muito no Um da expressão, mas não pegou. Constatamos que a cada vez que se diz *haum*, ouve-se *há Um*, quase o oposto do que queria Lacan. Ao que tudo indica, somos ainda demasiadamente adoradores do Um. Em francês, seria algo como “um tanto de um”, “um bocado de um”, como se existisse “algo de um” nesse gozo original, um “podendo ser um”, mas não necessariamente já sendo. É algo que existe, mas que, não necessariamente, é coisa que se pega com as mãos.

Chovem questões neste ponto: Como articular a dimensão do corpo aprisionado pelo discurso com a lógica estabelecida pelo *Haum*? De que corpo e de que discurso estamos falando? Podemos falar em um corpo *aquém* do imaginário? E podemos falar de um discurso

3 “Neste espaço, *aquém* do recalque, tudo está por ser construído” (Miller, J. A. O ser e o Um [*l'Un tout seul*], lição de 30/3/2011). Vale lembrar que este *aquém* é mais uma figura retórica do que um lugar, senão voltaríamos para toda a fantasmagoria primitivista de uma fase pré-edípica.

aquém dos quatro discursos? Seria isso o plano mais geral da linguagem? O de *lalíngua*?⁴

Nossa comunidade vem produzindo as respostas necessárias. Quero apenas enfatizar um ponto específico que me parece importante para toda essa discussão. É o tema da escrita na clínica psicanalítica em sua relação com o *haum*. Para isso, será preciso um pequeno desvio pela diferença entre o que é uma *parte* e o que é um *elemento* de um *conjunto*, muito utilizada por Lacan neste seminário.

Da parte e do elemento

Estamos habituados a pensar que um conjunto só tem elementos, mas não é necessariamente o caso. Tomemos o conjunto dos presentes numa conferência. O conjunto desse público é o agrupamento formado pelas pessoas presentes, contadas uma a uma. Certo. Basta, porém, estarmos lidando com coisas menos individualizáveis, como tudo o que há nas bolsas dos presentes, por exemplo, para as coisas se complicarem. Elas devem ser incluídas, uma a uma no conjunto dos elementos do público que assiste a conferência? E o que dizer dos sons, os risos, os pigarros? E os sentimentos e as reações afetivas do público? Nada disso parece facilmente contabilizável.

Estamos o tempo todo, analistas, lidando com este tipo de objeto mais-ou-menos-objeto. Pensem no sonho. Há tanta coisa ali imprecisa demais ou mutante demais para que possa ser contada – tanto no sentido de contabilizar, quanto no de contar aos amigos ou à família. Outro exemplo. Alguém, em análise, falava do cheiro da urina da mãe no banheiro. Até podemos tornar o banheiro, a privada, a mãe como elementos, mas o cheiro?

Definiremos, então, esse tipo de objeto como *parte* da experiência, não um *elemento*. Diremos, ainda, que há sempre um tanto da experiência que se situa no campo do contabilizável, são seus elementos, mas outro tanto resta no campo do contínuo, do não-enumerável, são partes, fazem parte de uma dada experiência sem que possam ser contadas uma por uma.

Essa distinção, por si só, já é de valia quando queremos abordar a que corresponde o *sexual* para Freud. Um tanto dele pode ser elemento: as experiências sexuais propriamente ditas, por exemplo. Outro tanto participa de muitas outras experiências apenas como parte e não como elemento. Podemos, assim, dizer que o *sexual faz parte* do prazer de chuparmos um sorvete ou brincarmos com a lama do jardim, mas não é um de seus elementos.

4 Segue um apanhado de questões dos dez cartéis com temas relacionados ao XXV Encontro que enviaram questões para esta mesa sem as quais este texto seria impossível. Nestas questões, fica clara a direção geral das investigações de interrogar como operar na clínica a partir do último ensino: Como articulamos a dimensão do corpo aprisionado pelo discurso com a lógica estabelecida pelo *Haum*? Como lidar com um registro opaco do corpo? Que está ligado ao gozo e não às formas que propõem o Outro do narcisismo (de um corpo com furos por onde circula o desejo?) Como ter acesso ao Outro considerando o *Haum*? O discurso, como lugar do Outro, incide em *lalíngua* ou apenas *lalíngua* incide no Outro da língua? Como se introduz a dimensão do Um na clínica? Ou, melhor, como se introduz a clínica a esse plano? Pela presença do analista? Pela interpretação? E qual o lugar do inconsciente no campo Uniano, O inconsciente real? Como se apresenta na clínica? Como *Haum*, o inconsciente estaria, então, no lugar da contingência? Mas em cada ressonância do significante não se mantém sempre um elemento do Um original? Não seria isso a iteratividade? Se no campo do gozo, o Um domina, como situar a transferência? Como se faz a parceria com o analista na atualidade? Como seria a presença da iteração na clínica dos nossos dias? No trabalho de escuta da clínica, na apreensão do que é repetição e iteração, o que é um acontecimento de corpo? Como diferenciar o acontecimento de corpo de um fenômeno de corpo?

São dois modos de existência bem ao alcance de nossa experiência cotidiana; pertencer a um coletivo, por exemplo, como um de seus elementos ou fazer parte dele sem ser, nele, contado, como um de seus integrantes.

Do zero e do não-enumerável

A matemática propõe um modo não standard de operar com essa distinção da qual Lacan vai se servir, e isso envolve o Um e o conjunto vazio.⁵

Vamos assumir que a cada conjunto dado, podemos imaginar um subconjunto constituído pelo conjunto de suas partes. Não posso contá-las, mas posso supor sua reunião. Se agrupo, agora, o conjunto dos elementos de um conjunto mais o subconjunto de suas partes, fica evidente que este novo conjunto será necessariamente maior que o primeiro.

Novamente, alguns exemplos para deixar claro que essa nova articulação, entre o conjunto dos elementos e o conjunto dos elementos mais o das partes, não acontece em um abstrato mundo da matemática. O conjunto do que posso contar de um encontro amoroso, por exemplo, sempre parece menor do que foi a experiência. Ela é feita de tudo o que posso contar dela e mais *todo o resto* que não consigo transmitir. Fica, ainda mais claro, com relação ao gozo. Como contabilizar uma experiência de êxtase? De deslumbramento? E isso vale ainda para a própria experiência sexual: posso sempre contabilizar os orgasmos, mas nunca totalmente o gozo vivido, diferença que o modo de laço discursivo dito “macho” não entende.

A lógica dos conjuntos vai situar, exatamente, com relação a esse excesso do conjunto das partes com relação ao dos elementos, a função do *conjunto vazio*. De fato, o matemático arranjou um jeito de incluir o gozo que não se contabiliza. Como conjunto vazio. É só dizer: essas partes todas que não posso dizer, que estão em excesso com relação ao conjunto de base, dos elementos, não vou excluí-las ao modo macho – como loucura feminina ou modo paranoico –, nem vou divinizar-las ao modo religioso, vou usá-las, usar seu excesso, me servir dele. Para isso, vou indexá-las em uma representação vazia de sentido, o conjunto vazio. A partir daí, aquilo tudo que era parte passa a se contabilizar no conjunto dos elementos como um ponto, ponto cego, mas ponto, que passa a ser elemento. Como resume Miller: “Quando se contam as partes do conjunto, os subconjuntos, ele [o conjunto vazio] aparece, como por milagre, como um-a-mais”⁶.

Do vazio e do excesso

O conjunto vazio, portanto, não é de modo algum nada. Ele será, inclusive, por seu caráter de impreciso excesso com relação ao conjunto dos elementos, a base para estabilizar o que é

5 Apresento a seguir minha leitura, a mais pé-no-chão possível de um segmento da axiomática de Zermelo-Fraenkel. Para uma exposição dessa axiomática, além do próprio Lacan, cf. o passo a passo de Alain Badiou em “Um, dois, três, quatro, e também o zero”, *Para uma nova teoria do sujeito: Conferências brasileiras*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994 (cf. também Badiou, A. *O ser e o evento*, Rio de Janeiro, JZE, 1996, p. 63 e seguintes).

6 Miller, J. A. *O ser e o Um [‘Un tout seul]*, lição de 23/3/2011. (inédito)

elemento e o que não é.⁷ Como, porém, somos crentes do vazio, passamos a achar que o conjunto vazio representa uma negatividade essencial, anterior a tudo. Não, ela nasce junto com a contagem! É quando o gozo vira falta e o desejo vira busca.

É esta dimensão de um gozo não contabilizável, mas presente, não vazio, que Lacan resgata em seu último ensino: há “um tanto de Um” ali, *Il y a de l’Un*.

De quebra, o último ensino nos cura da ideia crente em um grande Um - Um trauma fundamental, Uma origem, Uma percussão, até mesmo da ideia de “Um choque” inaugural do significante sobre O corpo.

O vazio só é furo a partir de uma operação. O conjunto vazio, aqui, é o lugar dessa operação. Ponto de passagem, reversível, encruzilhada. É vazio de ser, de essência, mas situa uma pura existência sem corpo ou forma que pode nos servir, e muito. Essa transmutação da parte em elemento, ou ainda, da passagem do campo dos elementos de uma vida para o Outro gozo que a habita, do gozo fálico ao Outro gozo, é o que está em jogo do começo ao fim em uma análise. Uma análise vai justamente em direção a certo resgate desse gozo Outro, gozo que não o neurótico (da falta e da saudade, da divisão e da perda). Ele traz a experiência de certeza, da vida como existência, presença aqui e agora, que escapa sempre ao sujeito dividido às voltas com seus impossíveis.

Do OMO e do UOM

Vejamos um fragmento clínico para que possamos verificar o mais diretamente possível como esses conceitos nos servem.⁸

É o caso de uma mulher que após muitas idas e vindas de sua análise – com toda a redução que o progresso analítico nos dá, quando as tantas cenas se reduzem a poucos elementos essenciais – chega a duas linhas fundamentais. Muito esquematicamente, a primeira diz respeito ao pai. Ela é filha bastarda de um político importante. Ele teria um passado bastante sujo como corrupto ou colaboracionista na guerra. Ela é uma trabalhadora incansável que, para arrumar as situações, deixava tudo às claras e todo esse gozo vai se resumindo à frase fantasmática de *limpar o nome do pai, imaculado, lavar seu nome*.

Por outro lado, a segunda linha da geração materna, é feita de uma rejeição por abandono. Um abandono encarnado por uma fragilidade enorme da mãe que aparece como um desfazer-se em situações em que a criança a demandava, incluindo a ruptura da bolsa do parto quando

7 O gozo a que se refere o subconjunto das partes na base do conjunto vazio, intenso, fundamental, sustenta a contagem estável dos números inteiros, já que o Um como elemento é Um porque *não é* aquilo tudo. É com relação ao zero que o um como elemento se estabiliza e a seguir, o dois será este um mais um e assim por diante (cf. Miller, J. A. “A sutura”, Miller, J.-A., *Matemas II*, Buenos Aires, Manantial, 1994. A não ser que se esqueça completamente do “modo parte” de existência e só se consiga ver o mundo sob o modo “elemento” (não é o que acontece hoje quando tudo é dinheiro?).

8 Blancard, M. H. “O sintoma como carta não-retirada”, *Opção Lacaniana*, n. 68-69, São Paulo, EBP, 2014. Este testemunho de passe foi sugerido por Andréa Reis a quem agradeço. Deixei o nome próprio da autora apenas nas notas por temer que a autoria ofusque o ato de enlace que é o mais importante, uma vez que o nome Blancard, que remete à brancura e poderia levar a leitura em direção a um “estava escrito”, que é o contrário da ideia da escrita do nós, sempre ligada a um fazer e não apenas a um ler o que já lá estaria (cf. Miller, J. A. “Ler o sintoma”, *Opção Lacaniana* n° 70, São Paulo, EBP, 2015).

de seu nascimento, “perda das águas” na expressão de sua língua materna. Nesse processo, ela traz uma série de sonhos que apresentam o desejo da mãe como um contínuo líquido, um rio incessante.

Pois bem, ela chega, na análise, a uma montagem dessas duas linhas, um nó. A partir de um sonho com o sabão em pó OMO, ela assume essa palavra bizarra como uma junção que sintetiza sua encruzilhada fundamental, enlaçando ao menos três trilhamentos. O gozo fantasmático, de lavar o nome e de precisar ser fálica num trabalho eterno; o temor do derretimento, do liquefazer-se, que sempre vinha assombrar e perturbar o trabalho insano do primeiro trilhamento e, finalmente, o Um do gozo que, aqui, poderíamos caracterizar como sendo o de um fluir torrencial incessante.

O slogan “OMO, que lava mais branco que o branco”, situa esses aspectos de sua vida e o *sinthoma* que seguirá, mas, agora, reduzido a essa fórmula OMO e, por isso mesmo, muito mais aberto a novas experiências na liquidez da vida. Nesse sentido, o nó não está desde sempre feito, ele se refaz a cada dia, mal rompe a manhã. Não mais para dizer o real, mas para estabilizar uma ex-sistência singular na vida coletiva, que Lacan chamou de vida do UOM (o qual, mais que o sujeito do desejo, deveria ser oposto ao falasser).⁹

Do resto e do nó

O que é OMO? Um nó. Encruzilhada. Mas é, também, operação sobre o resto. O que é o sabão em pó quando a liquidez da vida passa a ser o gozo principal? Um resto, após ter se evidenciado como mero meio de passagem, conjunto vazio, saco furado, objeto a. Esse lugar é, na teoria lacaniana, o que encarna o objeto a. Com o nó, esse *topos* se apresenta mais próximo de um movimento de passagem. O resto, aqui, não é mais um resto do gozo Original, mas apenas uma de suas metamorfoses paradoxais, *semblant*.

Os restos fantasmáticos com que essa mulher sempre lidou – a mancha sobre o nome da família ou o desmaio da mãe e das mulheres – pareciam ser o real, mas isso será transformado, pela entrada em cena do gozo do Um, em coisa qualquer, pó solúvel.

Para concluir, queria chamar atenção para o papel da analogia da experiência analítica com a escrita. Habitualmente, assumimos que uma análise vai reduzindo as memórias a seus traços, marcas, por um lado, e o gozo que nessas marcas se fixou, por outro. A ideia é recompor os traços e “libertar” o gozo, nelas preso.

Agora, estamos supondo, porém, que é possível não agir apenas sobre os traços que nos singularizam, mas rearticular esses traços com as imagens que nos compõem e particularizam e, finalmente, com a vida na qual tudo isso circula.

A escrita que essa operação de enlace nodal compõe, se ela puder ser aproximada de algum gênero, não será a de um texto em prosa, como Lacan inicialmente nos convida a ouvir a fala

9 Podemos opor o falasser ao sujeito com relação a momentos diferentes do ensino de Lacan, mas em termos clínicos é bem mais rico opor o falasser ao UOM. Enquanto o primeiro tem um ser (e um corpo) que escapole a cada instante, o segundo traz a possibilidade de enfatizar sua tendência à rigidez, fixada pelo imaginário do um-dividualismo contemporâneo (cf. Lacan, J. “Joyce, o Sintoma”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 561. Cf. Brousse M. H. *Mulheres e discursos*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2019, p. 166).

analisante, mas, sim, poesia, mais especialmente, a poesia concreta. Não mais uma combinação de letras, mas um nó dessas letras, uma encruzilhada material de sentidos possíveis, como, por exemplo, essa de que gosto tanto, de Arnaldo Antunes: *The And*.¹⁰

Nesse aspecto, a escrita não é mais impressão, mas nó. É essa escrita que está em jogo com relação ao Um do gozo. Não mais a escrita que traduz e sempre esbarra em um impossível, mas a escrita que amarra, dá liga, dá pega [*ça tient*] e põe o impossível do gozo na vida.¹¹

10 É difícil imaginar o nó como uma nova concepção de escrita, mas é exatamente o que afirma Miller: “só o que sei é que o nó é uma nova forma de escrita”. Cf. Miller, J. A. “Nota passo a passo”, in: Lacan, J. *O Seminário, livro 23*, Rio de Janeiro JZE, 2007, p. 213. É uma nova maneira de entender a *sobredeterminação* freudiana que “formaliza de modo mais radical a essência dos discursos” (cf. o argumento do Encontro por sua comissão científica e Lacan, J. “Os corpos aprisionados pelo discurso”. In: *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, cap. XVI, p. 213 e seguintes. Idem, pp. 216-217. É o que faz o nó borromeano e é o que ensinam os neologismos lacanianos. Eles apostam que quanto menos sentido tem um significante, mais indestrutível ele é, mais encruzilhada de sentidos abertos.

11 A maneira mais direta que consigo pensar em trazê-la sem cair em explorações topológicas é usando a expressão de Lacan da época “está amarrado” a escrita agora é quando os traços de enlaçam. Abordei recentemente a tradução. Ela corresponde à escrita como desenvolve Freud em sua carta 52, de traduções e retraduções sempre deixando escapar ou cercando o real como impossível. O que muda quando o chamamos de Um? É que ele não escapa mais, pode ser contado, pode entrar na conta. É o que permite o nó (cf. Vieira, M. A., “Quando “está amarrado” (*ça tient*)”. *Opção Lacaniana n 80/81*, 2019).

Os corpos aprisionados pelos discursos... e seus restos

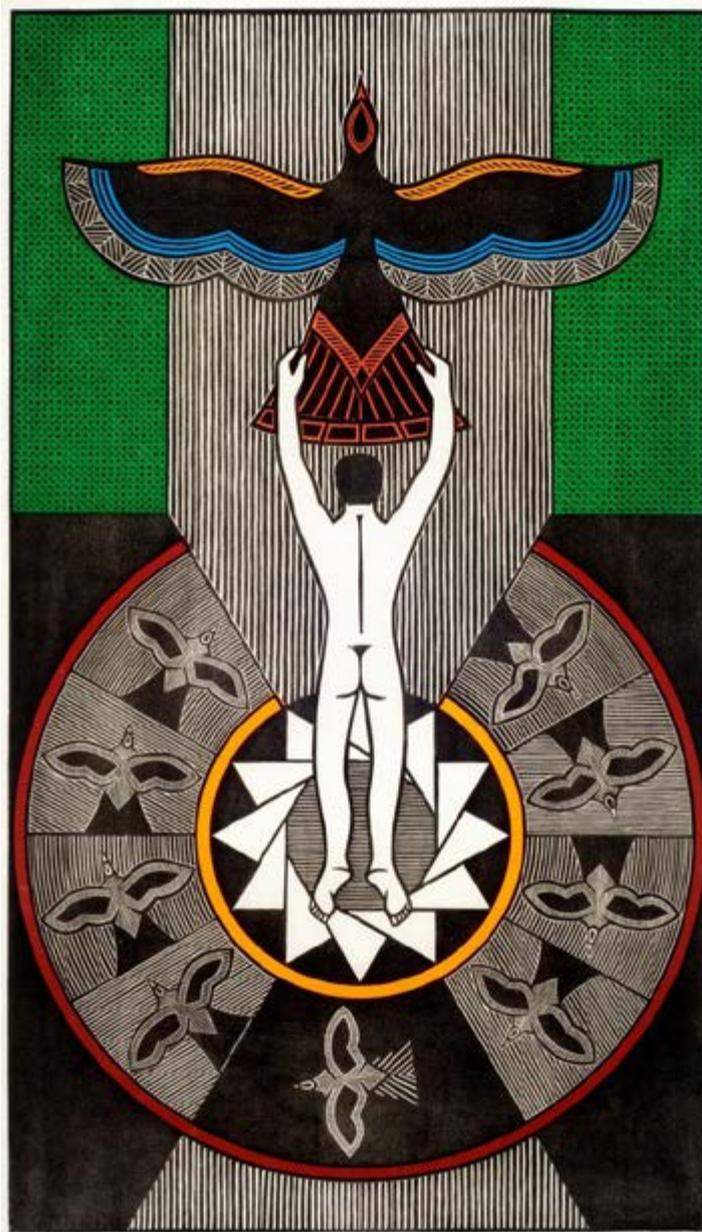
Maria Josefina Sota Fuentes (AME da EBP/AMP)

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer às instâncias envolvidas por este convite, que me colocaram diante do desafio de comentar o tema do 25º Encontro Brasileiro, cujo título foi extraído do último capítulo do *Seminário 19* de Lacan.

Sendo esta uma atividade preparatória¹, pensei em trazer alguns pontos que me chamaram a atenção neste capítulo que é bastante complexo, pois ele se dá no momento que Lacan muda de paradigmas, mas sem anunciar que edifício teórico se sustentará em novas bases. Tais mudanças acompanham, inclusive, as novas formas civilizatórias com as quais o gozo é tratado pela linguagem, isto é, a maneira como os corpos são dominados pelos discursos.

1. A pluralização do SIs no discurso do mestre contemporâneo

Tal como comenta Miller nas *Intuições milanesas*, mal Lacan havia isolado no *Seminário 17* o SI do discurso do inconsciente como o significante mestre da autoridade patriarcal, central na identificação e no agrupamento dos indivíduos numa sociedade organizada a partir da interdição do gozo, ele o questiona para pulverizá-lo, pluralizando-o. É o enxame de SIs que aparecerá no *Seminário 20*, justamente quando não vivemos mais sob o reinado do pai que fundava o conjunto, limitando o gozo e introduzindo uma falta, segundo a lógica da sexuação masculina. Quando “O pai já não assombra mais a família”², a sociedade passa a ser governada pelo que Miller chamou de “máquina do não-todo”³, cujo paradigma é o gozo feminino. Sem centro, nem barreiras que sirvam de anteparo ao desvario do gozo ilimitado,



Gilvan Samico. *Ascensão*, 2004

1 Texto apresentado no dia 14 de agosto de 2024 durante a atividade preparatória, na EBP – Seção São Paulo, para o XXV EBCF.

2 Lacan, J. (1971-1972) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 185.

3 Miller, J.-A. “Intuições milanesas II”. *Opção lacaniana online nova série*, ano 2, n. 6, nov./2011, p.10.

o não-todo arrasta o sujeito, ausente de si mesmo, ali onde ele não se mais se encontra. O exame de SIs pluralizado chega na forma de significantes fragmentários, como no bombardeamento frenético de informações aos sujeitos sem referências, desarticulados e dispersos, que criam estratégias para se sustentarem num mundo regido pelo empuxo ao gozo.

Com o declínio da organização coletiva, Miller destaca, entre os sintomas da época, os apelos desesperados à ordem e à volta do reinado do significante mestre, bem como as bolhas de certeza que se consolidam nas comunidades ensimesmadas, as micro-totalidades dos nichos que restituem um certo domínio.

Por isso, foi preciso a Lacan introduzir uma variante do discurso do mestre, o discurso do capitalismo, que promove o sujeito, não mais dividido entre os significantes que o representam, simbolicamente, mas à mercê dos *gadgets* que o consomem.

Assim, Lacan termina o *Seminário 19* dizendo: “Em tudo isto, não lhes falei em absoluto do pai, porque considerei que isso já lhes tinha sido suficientemente dito e explicado, ao lhes mostrar que é em torno daquele que *unia*, daquele que diz não [...] que deve basear-se tudo o que há de universal”⁴. E então anuncia o pior: um futuro sombrio na civilização com o incremento do racismo e dos processos segregativos levados às últimas consequências.

2. O retorno ao fundamento do corpo

Um segundo ponto fundamental deste capítulo é o tema do corpo, bastante complexo no ensino e particularmente neste Seminário, onde Lacan elabora o gozo do corpo do *Há Um*. Trata-se de um canteiro de obras para as passagens de Lacan pela sexualidade feminina, das quais ele extrairá o gozo não-todo fora do discurso, que acontece num corpo *Outro* distinto do fálico, infinito e ilimitado, para depois localizá-lo no coração do *sinthoma* como um acontecimento de corpo inerente ao *falasser*⁵.

Ainda no último capítulo do *Seminário 19*, Lacan volta a explorar as relações do corpo com o discurso, com aquilo que “mantém todos vocês juntos”⁶, ele diz, o “engate social”⁷, que “se passa no nível de um certo número de capturas que não se dão por acaso”⁸. Não se trata forçosamente de *um* corpo, ele esclarece, mas do corpo como suporte do discurso e que permite a circulação do gozo no laço social.

Lacan já o havia desenvolvido com o paradigma dos quatro discursos, a relação primitiva e circular que pode se dar entre gozo e significante, sendo o laço social o lugar onde se recupera o gozo mortificado pela linguagem por meio do *mais-de-gozar*, alojado no tecido da civilização. “É o gozo corpo a corpo”⁹, diz Lacan, o gozo que circula dando substância ao traço. “É isso que faz com que possa haver nessa história vários corpos aprisionados, e até série de corpos”¹⁰.

4 Lacan, J. (1971-1972) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. *Op. cit.*, p. 227.

5 Miller, J.-A. “L’un est lettre”, *La Cause du Désir*: revue de psychanalyse, n. 107, Navarin. 2021, p. 34.

6 Lacan, J. (1971-1972) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. *Op. cit.*, p. 221.

7 Idem.

8 Idem.

9 Idem, p. 217.

10 Idem.

Mas não seria exatamente uma novidade naquele momento dizer que os corpos são marcados ou até mesmo “aprisionados” pelos discursos – deixando de lado as polêmicas em torno da tradução brasileira do termo *atrappier*. Lacan assinala nessa aula que essa novidade foi Freud quem a trouxe com a sobredeterminação do inconsciente. Contudo, foi com Lacan que aprendemos que não se nasce com um corpo; é preciso fabricá-lo com a linguagem.

Inicialmente, ele demonstrou que o inconsciente como discurso do Outro, estruturado como uma linguagem, é a coluna vertebral e o tecido com o qual se veste o corpo. Este é fabricado no imaginário do espelho, mas não sem a mediação da palavra do Outro da linguagem, os significantes mestres que fornecem as vias identificatórias que enlaçam o real do caos do corpo fragmentado ao discurso do Outro. Para se ter um corpo é preciso, pois, consentir com a alienação primordial ao Outro da linguagem, encarnada pela primeira e grande arrebatadora de corpos que é a mãe, simbolizando sua ausência no célebre jogo significante do *Fort-da*. Isto implica a inscrição dessa ausência no real do corpo e o consentimento com uma perda, a extração do gozo pela linguagem que se materializa no objeto *a*. São esses pedaços de corpo, os objetos pulsionais recortados pela linguagem que entram em circulação no laço social, dando consistência às identificações primordiais e ao sentimento de possuímos um corpo.

Aprendemos que a interdição do gozo pelo Nome e amor ao Pai, no regime masculino, funcionavam classicamente para o neurótico como a armadura corpórea, e vimos a que ponto a sintomatologia histérica – aquela que há tempos se rebela contra a ditadura do discurso do mestre tirando literalmente o corpo fora – mostra a dificuldade de se ter um corpo sem ter que apelar para a Outra mulher, quando justamente a identificação para A mulher não existe no inconsciente.

A inconsistência e fragilidade do corpo – passando pela clínica das psicoses e as dificuldades de se fabricar um corpo quando não conta com o apoio do discurso –, culminam no avesso do estádio do espelho que é, precisamente, o estado de angústia: “De que temos medo?” – pergunta Lacan na *Terceira*. “Do nosso corpo”¹¹. Trata-se da suspeita de que nos reduzimos a um resto caído do discurso, o aborto de um desejo que nos separa do Outro, ditando o luto a ser feito de todos os objetos e identificações que sustentavam o corpo.

Então, por um lado, a precariedade corpórea dá a dimensão da urgência do sujeito em ser tomado e, até mesmo, “aprisionado” pelos discursos, quanto mais os significantes mestres da época se pluralizam e o sujeito, em puro estado de angústia, é a expressão máxima da ausência de referências.

Por outro, acompanhando as mudanças da época, com a posterior elaboração da clínica borromeana e seus inúmeros arranjos possíveis para fabricar-se um corpo, Lacan, ao seguir as pistas de alguém como James Joyce, desabonado do inconsciente, carente do apoio do discurso do Outro, indica possíveis caminhos na construção de um corpo que prescindia do aprisionamento nas insígnias identificatórias do Outro social. Ou seja, a substância corpórea pode ser extraída não do Outro, mas de uma identificação não segregativa ao *sinthoma*, permitindo uma ancoragem e o desprendimento dos corpos ávidos pelas capturas dos mestres da vez. Para

¹¹ Lacan, J. “A terceira”. In: *Opção lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, Ed. Eólia, n. 62, dez. 2011, p. 29.

tanto, em vez de segregar, será preciso consentir com o abismo da singularidade da diferença absoluta que habita em cada um, o real de um gozo fora do sentido, louco e enigmático, impossível de ser dito e coletivizado – nem mesmo nas mais bem intencionadas sociedades fraternas onde reinam os melhores sentimentos.

Precisamente, diz Lacan ainda ao final do *Seminário 19*, o pior se anuncia na formação de uma lógica coletiva baseada na sociedade dos irmãos, da igualdade fraterna dos corpos que rejeita o real da diferença absoluta, onde se enraíza o racismo. Seu fundamento se dá na rejeição àqueles que encarnam um gozo intolerável, na afirmação das bolhas de certeza dos “nós” na guerra mortal contra “eles”. A começar, na grande bolha de certeza masculina que foi a clássica *difamação* contra as mulheres, segregadas por encarnarem um modo de gozo fora do alcance e que, desde sempre, é preciso dominar.

3. O inconsciente é a política, encore

Esta frase, enunciada no *Seminário 14* na aula “O Outro é o corpo”, dá o alcance sempre atual e político do discurso analítico, desde que o analista seja capaz de interpretar os significantes mestres que se renovam na civilização, sem ser ele mesmo arrastado pela espiral da época. A meu ver, esse é o esforço de Lacan ao falar sobre o “aprisionamento” dos corpos pelo discurso. Neste capítulo, novamente, é o analista quem está na berlinda.

“O Outro, caso vocês ainda não tenham adivinhado, é o corpo”, diz Lacan, ainda no *Seminário 14*. “Ele é feito para ser marcado”¹². Com efeito, se o inconsciente é o discurso do Outro, não há uma separação do campo individual do social e político. O inconsciente é transindividual e o corpo necessariamente social. Mas, além disso, ali Lacan já começa a explorar o que seria a incidência da letra no real do corpo, que carrega as marcas do tecido social da época, tocando a singularidade.

Eric Laurent, analisando *A sociedade do sintoma*, indica que em 1966-67 tratava-se para Lacan de encontrar outra forma de pensar o inconsciente, não mais a partir do pai, mas como algo a definir e, nesse mesmo contexto em que afirma que o *Inconsciente é a política*, enuncia poeticamente, surpreendendo seu público americano que esperava ouvir sobre o estruturalismo, que o *inconsciente é Baltimore ao amanhecer*. Eu cito Laurent: “De saída, Lacan se dirige ao público dizendo que o lugar do inconsciente é aquele onde vivem aqueles a quem ele se dirige. Tu, que me escutas, sabes que estás submerso, estás no próprio lugar do inconsciente. Ele está em ti, tu estás nele; estás submerso no inconsciente”¹³.

Como localizar o sujeito do inconsciente? – Pergunta então Lacan. “É necessário situá-lo como um objeto perdido”¹⁴. Ele está em todos os lugares e disperso, não se prende a nenhum. Ou seja, ele não aparece aqui representado pelo significante mestre articulado à cadeia simbólica que o captura, mas na própria pulsação do tecido da repetição, na cidade que atualiza o não-todo. Ausente de si, o sujeito é arrastado no próprio movimento de êxtase da repetição da

¹² Lacan, J. *Le Séminaire de Jacques Lacan, Livre XIV: la logique du fantasme*. Paris, Éditions du Seuil, 2023, p. 328 (tradução livre).

¹³ Laurent, É. *A sociedade do sintoma*. Rio de Janeiro: Contra-capta, 2007, pp.93-94,

¹⁴ Lacan, J. “Conferência em Baltimore”. *Opção lacaniana*, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, Ed. Eólia, n.77, ag./2017, p. 13.

“mesmice da marca”¹⁵, celebrando a repetição de um gozo inesquecível. Trata-se do “sujeito do gozo”¹⁶, comandado por aquilo que Lacan lê na placa luminosa de *neon*, na madrugada adentro olhando a cidade pela janela do quarto do hotel, enquanto preparava sua conferência: “Enjoy Coca-cola”¹⁷.

Seria possível, ao menos para o analista, despertar desse sonho ao “amanhecer em Baltimore”? Lacan reitera ao final do *Seminário 19* que “o sujeito continua a sonhar em sua vida”¹⁸, olhando o mundo desde a janela de seu fantasma com a tela do discurso do mestre da vez. Portanto, o despertar impossível do inconsciente não deixa de afetar também o analista, já que ele mesmo também está submerso no inconsciente, no lugar e no tempo em que vive, no inconsciente sempre a definir, jamais plenamente identificável e à serviço dos mestres da vez. Ele não deixa ser “irmão do seu paciente”¹⁹, pois, diz Lacan, “como ele, somos filho do discurso”²⁰.

Portanto, o analista estará tanto mais à altura de sustentar a psicanálise no mundo, seja aonde for, quanto mais for capaz de dar corpo, com sua presença e seu dizer, não à fratria dos corpos, à *Sociedade de Assistência Mútua Contra o Discurso Analítico*, mas a um objeto precioso, ausente no mercado: o vazio em causa do desejo, ali onde qualquer relação de domínio queira dele se apossar.

15 Idem, p. 16.

16 Idem, p. 19.

17 Idem, p. 20.

18 Lacan, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ... ou pior. Op. cit.*, p. 226.

19 Idem.

20 Idem.

...DIZERES E SUAS REVERBERAÇÕES

Lacan fazia uso de seu corpo como um instrumento de sua prática. Sua presença era a de um analista encarnado e a partida psicanalítica se jogava em um corpo a corpo.¹

Análise: uma experiência de corpo

Andréa Reis Santos (EBP/AMP)

Este fragmento do texto de Esthela Solano-Soarez em “Hagan como yo, no me imiten” consegue condensar uma parte do que foi para ela a densidade da presença de Lacan na função de seu analista. O título escolhido por ela – retirado de uma fala do próprio Lacan dirigida a seus alunos –, “não me imitem, façam como eu”, já nos indica que nessa presença o que está em jogo é um estilo único, intransferível, que não se presta a servir de modelo ou objeto de identificação. Já o primeiro tempo da frase: “façam como eu”, nos indica que há uma orientação. Uma orientação não para o semelhante, mas para o singular. Que cada um se oriente pelo produto da própria análise, para poder, com isso, se colocar na posição de operar a partir do mais singular. Que cada um opere a partir daquilo que circunscreve o inimitável das marcas que desenham um estilo, de modo a emprestar o corpo para ser o suporte de uma presença a serviço do ato. Trata-se de algo que Esthela chama de operar a título de *sinthome*.

Colocar o corpo a serviço do ato: essa frase merece uma pausa. Corpo e ato ganham um lugar todo especial no último ensino de Lacan com uma ética menos ligada ao desejo, ao Outro, ao campo da linguagem; e mais ligada a um certo saber fazer com o gozo, ao que se passa no campo do Um sozinho. O Outro que não existe cede espaço ao corpo, que passa a entrar com tudo na jogada.

Tanto nesse pequeno texto, quanto no maravilhoso livro *Tres segundos con Lacan*², que esse texto resume, Esthela consegue descrever o papel do “corpo a corpo” na experiên-



Ianah Maia. *Receita para chuva*, 2019

1 Solano-Soarez, E. “Hagan como yo, no me imiten”. In: *Lacan Hispano*. Barcelona: Grama, 2021, p. 173.

2 Solano-Soarez, E. *Tres segundos con Lacan*. Barcelona: Gredos, 2021.

cia da análise, algo que é muito difícil de colocar em palavras. Por um lado, os efeitos do ato do analista, produzindo ressonâncias no corpo da analisante, e por outro, aquilo que ela chama de analista encarnado. Para isso, recorre a muitas cenas em que o corpo de Lacan esteve presente em ação: os gestos, alguns toques, o uso do olhar ou a ausência dele, as variações no tom de voz, desde o fundo silencioso de uma presença até um chamado dirigido por ele aos gritos da janela, para ela, já de saída, atravessando o pátio. A descrição que ela faz é tão nítida, tão verdadeira, que é quase possível sentir, ali ao lado, a presença imponente de Lacan, radicalmente oposta à ideia do analista inerte e meio mortificado de um certo imaginário popular. O mais importante a destacar daí são os cortes que produzem efeitos de ato, que traumatizam o *automaton* universal, e rompem com qualquer tipo de pacto imaginário. São atos que não se fazem sem o corpo presente como suporte de uma boa dose de estranhamento.

No último ensino, o modelo do ato analítico passa a ser o corte. Lacan o afirma textualmente: "...pois bem, ao final, tudo o que resta é o próprio corte"³. E Miller acrescenta: "Elevar a debilidade psicanalítica à segurança soberana do gesto cirúrgico de cortar, essa seria a salvaguarda da psicanálise"⁴.

Esthela descreve a entrada em análise com Lacan através do encontro desconcertante com um analista que a privava radicalmente do blábláblá explicativo, das racionalizações, das histórias que cada um se conta, deixando-a perplexa, atravessada pelo que ressoava no corpo de uma sonoridade que não era agarrada por um efeito de sentido. O analista rompia toda e qualquer rotina e cada sessão era diferente e única. Nas suas palavras: "em sua prática colocava em ato os conceitos elaborados no último ensino a ponto de fazer equivaler seu ato com o real fora de sentido, produzindo acontecimento de corpo na analisante".

No entanto, nunca é demais lembrar que esse efeito de corte que incide no corpo não dispensa a palavra. Ela consegue descrever algumas passagens preciosas sobre o reviramento que a ressonância de um significante chave é capaz de provocar. O analista corta, não em qualquer momento, mas em um momento específico, sobre um significante chave, um significante com cara de SI, desses que aglutinam sentidos e que, quando são destacados na análise, produzem efeitos que afetam o corpo, o regime de gozo. Isso é o que nos ajuda a entender o "corpo a corpo" de que fala Esthela: a interpretação não está concernida apenas por seus efeitos de significado, mas por seus efeitos corporizados.

Miller, na aula de 25 de maio de 2011 do curso *O Um sozinho*, não publicado, diz que Lacan, no último período do seu ensino, trata das pulsões como o eco no corpo de que há um dizer, e que o real do *sinthoma* a ser alcançado na experiência da análise é a pura percussão do significante, da palavra no corpo. O texto de Esthela é o testemunho vivo daquilo que uma experiência de análise é capaz de movimentar na articulação entre a palavra e o corpo, levando em conta o enorme deslocamento que o último ensino promove. Um deslocamento que coloca o acento naquilo que da palavra faz corpo e que nos ajuda a entender que apesar de não podermos prescindir da palavra, a psicanálise é, de ponta a ponta, uma experiência de corpo.

3 Lacan, J. "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 836.

4 Miller, J.-A. *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 195.

Penso que a pesquisa do campo freudiano hoje está em contrariar o real engendrado no empuxo a um individualismo radical, a adições, compulsões, autogestão do gozo que curto-circuita o giro da pulsão, dispensando seu arranjo ao Outro. Trata-se de contrariar, com sua ação, o que está na contracapa do Seminário 19, ...ou pior, onde Miller evoca “o pensamento radical do Um-dividualismo moderno”. A psicanálise faz obstáculo ao interpor ao desatino do gozo um outro para situá-lo. Nesse mundo onde o Outro da tecnologia faz par com o individualismo radical, a investigação, pesquisa e aposta da psicanálise está na oferta e instalação da presença do analista, que toma a forma de a, um corpo êxtimo desde onde ressoe a música da língua de cada um e situe seu cabimento na polifonia das vozes de um mundo plural e diverso. É aqui que uma resposta ao mal-estar atual não está no triunfalismo de um pensamento único, pois não há só uma resposta. A aposta no pluralismo é abrir as portas para o convívio com a pluralidade de respostas, a pluralidade dos sintomas.¹

Analista presente!

Jordan Gurgel (AME da EBP/AMP)

Este parágrafo que comento integra uma conferência/texto de Fernanda Otoni Brisset que articula o impossível de dominar e a presença do analista que, na posição de semblante de α , oferece-se à ressonância da língua de cada um. Estamos no campo da clínica do real que promove a separação do corpo dos significantes que marcaram e parasitaram o sujeito.

Na contemporaneidade, com os fenômenos da chamada globalização – devido ao vazio deixado pela vacância do pai² – muitas foram as mudanças ocorridas, a partir dos movimentos sócio-políticos, que acabaram recaindo sobre as novas formas do funcionamento social com reflexos importantes na posição subjetiva de cada um. Com o avanço da biologia molecular, a prática da medicina baseada em evidências, o apelo às neurociências associado ao individualismo radical e, ao mesmo tempo, o fracasso da política frente aos ideais de saúde para todos e da religião que claudica ao tentar dar sentido sobre o real, a psicanálise é convocada a mostrar seus efeitos a partir da presença do analista. Não é tarefa simples fazer o *falasser* subverter os significantes que lhe aprisionam e inventar significantes novos que brotam do inconsciente real, como apontou Fernanda em seu texto.

Para tanto, a psicanálise do século XXI acompanha o “último Lacan” que provoca uma mudança conceitual que tem consequências na clínica. Trata-se da passagem do inconsciente estruturado como uma linguagem – que agora é entendido como uma elucubração do *falasser*, que inclui o corpo e o gozo – para o inconsciente de *alíngua* e a consequente afetação do cor-

1 Otoni Brisset, F. “O impossível de dominar e a presença do analista”. In: *Variedades*. N.3. Dez/2023. Revista do Instituto de Clínica Psicanalítica de Orientação Lacaniana de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.variedade.com.br/index.php/o-impossivel-de-dominar-e-a-presenca-do-analista#:~:text=A%20presen%C3%A7a%20do%20analista%20%C3%A9,0%20come%C3%A7o%20de%20uma%20an%C3%AAlise>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

2 Conforme o argumento do XXV EBCF.

po pela linguagem. Este giro conceitual é tributário da noção do inconsciente que procede do corpo falante – isso que Miller destrincha ao dizer que “a palavra passa pelo corpo e, de retorno, afeta o corpo que é seu emissor”³.

É a virada da primazia do Outro da dimensão da verdade e do desejo para a primazia do *Há Um* – é a entrada no campo *Uniano*, que existe a partir da incorporação do significante *Um* que passa a ser parte constitutiva e integrante do corpo. Aqui, Lacan identifica duas materialidades: a sonora do significante e a física do corpo biológico, condição que nos direciona para a clínica do real. O *Há Um* é distinto do atributo de uma classe, portanto, não tem nada com o universal; é o *Um* que comanda e cria o ser,⁴ que varre a ideia do dois da relação sexual, fazendo prevalecer a dimensão do real. Nesta direção, a via do *Um-sozinho* do gozo nos leva a questionar: Quais consequências podemos extrair desta mudança? Como intervir a partir do real e não mais se referenciar do desejo?

As nossas armas são outras para enfrentar o Outro da tecnologia – que concebe o corpo a partir do saber da biologia e da medicina que desprezam as brechas de saber que o corpo manifesta – para enfrentar o mestre que, em estrita obediência a suas ordens, faz o mundo funcionar. Este funcionamento é consequente aos discursos – excluindo-se aí o analítico – que funcionam aprisionando os corpos. O exemplo *princeps* é o do discurso do mestre que afeta e petrifica o corpo do sujeito.⁵ A noção mesma de discurso implica a dominação porque se propõe a organizar o mundo e todos caminharem no mesmo passo, tarefa que não é própria da psicanálise, que não ignora as travessuras do real. O nosso desafio é enfrentar o real para possibilitar ao ser falante encontrar uma forma menos perturbada de se haver com seu corpo e modificar seu programa singular de gozo, que tem como efeito o sintoma.

A direção clínica que seguimos, com entusiasmo, para responder à desordem do real produzido pela ciência, principalmente pelo discurso capitalista e pela religião que fracassam ao tentar tratar o desamparo humano é orientar-se pela defesa do real sem lei e fora de sentido; é, portanto, pela via do sem sentido, de privar o sintoma de sentido. É justamente por saber que o real não cessa de não se escrever e, por isso mesmo, não há um para todos iguais, tampouco um algoritmo que nos oriente na clínica, que com os instrumentos que dispomos – a interpretação, o corte e o ato – seguimos o caminho da contingência que pode levar o sujeito, ao desarticular a relação entre S_1 - S_2 , a interromper a repetição e poder inventar algo que o leve a ser mais amigo da vida.

3 Miller, J-A. “Habeas corpus”. In: Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n.73, ago. 2016, p. 31-37.

4 Lacan, J. (1971-1972) *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 214.

5 Idem, p 220.

ARTE E CULTURA

Triunfo Yorubá

Wilker França
Integrante da Comissão de Arte e Cultura

Para iniciar, conto a história da criação do mundo pela cultura Yorubá que é explicado por meio de uma rica mitologia, que envolve divindades chamadas Orixás. As histórias desses deuses são contadas a partir de itãs, os relatos míticos (lendas), transmitidas principalmente pela oralidade. Contudo, relatarei trechos de uma história que está presente no livro de Prandi¹.

Olodumare, deus supremo, encarregou Obatalá (Oxalá) de criar a Terra, que inicialmente consistia apenas de água e caos. Antes de iniciar sua missão, Obatalá foi aconselhado por Orunmilá, o sábio *orixá* do destino, a fazer oferendas, mas ignorou o conselho, confiando apenas em seu poder. Seu irmão, Odudua, seguiu as instruções de Orunmilá e fez as oferendas.

No dia da criação, Exu, ofendido por não receber oferendas de Obatalá, quis se vingar e o fez sentir uma sede insaciável, levando-o a beber vinho de palma e adormecer. Odudua, aproveitando a situação, tomou o saco da criação e criou o mundo com a permissão de Olodumaré.

Quando Obatalá despertou, ficou ciente do ocorrido e ouviu de Olodumaré: “O mundo já está criado. Perdeste uma grande oportunidade”. Como consequência de sua falha, nem Obatalá nem seus descendentes podem beber vinho de palma. Contudo, a missão não estava completamente finalizada. Olodumaré lhe confiou a tarefa de moldar os corpos humanos, enquanto ele soprava o sopro da vida, dando origem à humanidade.

O mito da criação na cultura Yorubá se faz com o drama narrativo próprio, um corpo moldado que antes de receber o sopro da vida já era falado, já era disputado e vingado. Se no início era o verbo e se somos filhos do discurso, como nos assinala Lacan no *Seminário 19*, o mito da criação pela cultura Yorubá já apontava a fraternidade na origem e circunscreve o que claudica como efeito do discurso.

O candomblé, religião de matriz africana, tem suas raízes na tradição religiosa e cultural dos povos Iorubás. Essa religião é ancorada no universo simbólico dos mitos, dos cânticos e das narrativas, bem como dos mistérios, daquilo que é da ordem da experimentação e que nenhuma palavra é capaz de capturar.



Ed Ribeiro. Xangô

1 Prandi, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Importante destacar que a noção de alma, como aquilo que transcende, é indissociável da noção de corpo nessa religião. Fábio Lima, antropólogo baiano, nos diz que no candomblé “o corpo é mais que “representações” (...) está entrelaçado à noção de existência (...) fundamentada nos mitos e nas experiências corporificadas”².

Nos rituais do Candomblé, a dimensão da comunicabilidade está ligada à concepção de tempo, na medida em que o ritmo que será seguido, por exemplo, não é previsto com antecedência. Letieres Leite, grande músico brasileiro, de forma poética, dá indícios da dimensão do corpo, do ritmo e da música no candomblé: “a dança vem antes. A música olha e toca”³.

Letieres evidencia que os tambores respondem à dança demarcando, assim, uma íntima conexão entre a música e os movimentos do corpo. Importante destacar que o corpo não é visto como pertencente exclusivamente ao sujeito, nem com fronteiras fixas. A relação entre o toque do atabaque, o ritmo e a corporeidade revelam um corpo permeado por influências coletivas e/ou por forças de alteridade significativas. A dança, outro elemento central nos rituais, não é ensinada formalmente, mas emerge de um movimento rítmico e gestual entre o corpo e uma presença, a força do *orixá*, onde tempo e corpo se entrelaçam, revelando um fluxo entre o interno e o externo⁴.

Jésus Santiago⁵ destaca, a partir de Freud, uma relação lógica entre a renúncia pulsional própria da religião e a festa que consiste em uma concessão ao gozo, sendo um excesso de satisfação permitido ou prescrito, pois encarna a violação da interdição. Nos rituais de candomblé, está no centro da festa a marca daquilo que se faz estrangeiro ao ser. Como poderíamos pensar a festa que ocorre como parte do rito em que corpos são tomados pela experiência mística?

Para finalizar, trago um trecho de Lacan que demarca que ele conhecia os orixás. Ao interrogar sobre a vontade dos deuses, ele relaciona a natureza do amor com as diferentes iniciações, com as cerimônias das divindades:

(...) o que quer dizer iniciação (...) designando cerimônias muito precisas (...) pode-se encontrar sob a forma de transe ou de fenômenos de possessão (...) Platão nos diz assim que aqueles que tiveram a iniciação de Zeus não reagem no amor como aqueles que tiveram a iniciação de Ares. Substituam esses nomes por aqueles que, em tal estado do Brasil, podem servir para designar tal espírito da terra, da guerra, tal divindade soberana - não estamos aqui para fazer exotismo, mas é justamente disso que se trata.⁶

Nessa direção, entende-se que a permanência do candomblé, suas festas ritualizadas e a cultura Yorubá na cidade ocorrem muito além do arcabouço mítico ou das questões em torno da ontologia, mas sobretudo a partir do exotismo, daquilo que se faz estrangeiro ao ser e que inclui a existência.

2 Lima, F. *Corpo e ancestralidade*. Repertório, Salvador, n. 24, 2015, p. 19.

3 Leite, L. *apud* Oiveira, B. *A dança vem antes*. A música olha e toca: a palavra percussiva na canção brasileira. *Journal literário da companhia editora de Pernambuco*, n. 178, dezembro 2020, p. 7.

4 Klein, T. *Cad. Psicanál.* (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 44 n. 47, p. 69-91, jul./dez. 2022.

5 Santiago, J. *A religião é sintoma*. Disponível em: <https://medium.com/@zadigdocesebarbaros/a-religi%C3%A3o-%C3%A9-sintoma-76cded813155> Acessado em: 13/09/2024.

6 Lacan, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 307. Este trecho foi um precioso achado de Iordan Gurgel e citado no Fórum La movida Zadig Doces & Bárbaros, realizado em Salvador no dia 13 de setembro de 2024.

A ciranda de Lia: uma roda ante o racismo

Nelson Matheus
Integrante da Comissão de Arte e Cultura

“Na ciranda me batizei e estou aqui com a ciranda no meio do mundo”¹. É assim que Lia de Itamaracá apresenta sua relação íntima com essa expressão da cultura popular nordestina, a ciranda, uma conjugação entre dança e musicalidade, uma causa para sua vida. Foi através da ciranda que Lia fez um nome que deu um contorno à sua existência e se tornou, ela mesma, um *Patrimônio Vivo da Cultura de Pernambuco*².

Seu reconhecimento, a partir da década de 1960, advindo por meio de suas parcerias de trabalho com a compositora Teca Calazans, entretanto, não blindou Lia da experiência de racismo que sofreu ao longo de sua vida. ‘Escurinha’, ‘boneca de piche’ e ‘empregadinha’ foram alguns dos adjetivos utilizados pelo jornalista que escreveu uma matéria, de 1973, onde descreve pela primeira vez a existência de Lia de Itamaracá, até então conhecida em todo o país somente como personagem de uma famosa ciranda, intitulada “*Quem me deu foi Lia*”, de 1969. Esse recorte revela a naturalização do racismo e da tentativa de segregação que visava apresentar Lia e fazê-la desaparecer, a um só tempo.

Freud, em seu “*Mal estar na civilização*”³, já havia apontado para a segregação como tendo sua raiz naquilo que se articulava ao gozo. Será sobre “*uma poderosa quota de agressividade*”⁴ que girará a sua tese sobre o tema. Sobre a possibilidade de considerar o amor uma via pela qual a segregação pudesse ser superada, ele escreve que o outro só “*merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, que eu possa me amar nele*”⁵.

Os efeitos desse narcisismo das pequenas diferenças demonstram na história da civilização as marcas terríveis que fizeram do outro, incontáveis vezes, um objeto de abuso, de violência, de submissão, passível de entrar numa lógica utilitarista, de exploração e de morte.



Foto: Renato Filho

1 “Lia de Itamaracá e cultura popular brasileira”. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/lia-de-itamaraca-e-cultura-popular-brasileira/>

2 Lia de Itamaracá foi uma das contempladas como Patrimônio Vivo de Pernambuco, através da Lei estadual nº 12.196 de 2 de maio de 2002.

3 Freud, S. (1930). “Mal-estar na civilização”. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

4 Idem, p. 133.

5 Idem, p. 131.

Nessa mesma direção, Lacan vai falar da palavra *irmão*, um paradoxo quando se toma como referência o discurso comum. Ele o faz a fim de sublinhar aquilo que se enraíza no corpo, a saber, o gozo. Sobre isso, dirá que é numa “fraternidade do corpo”⁶ que reside a raiz do racismo.

Não há espaço para pensar que o racismo é um tema menor, ou mesmo que não pertence à atualidade. Nossa práxis não deixa de nos revelar exatamente a sua presença constante e insistente nos enredos pelos quais a língua faz a civilização existir. O que parece incontornável é saber o que poderia se instalar como possível tratamento dos racismos que se apresentam e seguirão se apresentando no mundo, se haveria uma solução universal para tratar desse gozo em sua pluralidade a partir de nossa ética.

Filha de cirandeira, Lia, que sempre morou em Pernambuco – estado com maior tradição de dança de roda –, na Ilha cujo nome carrega como seu, já nasceu dançando e cantando! A Ciranda representa, por suas músicas e por meio de seus movimentos, os ciclos da vida, o balanço do mar e as brincadeiras de criança. Nela, os que ali estão se dão as mãos em um círculo fechado e dançam numa única direção. “*Minha ciranda não é minha só / Ela é de todos nós [...] Pra se dançar ciranda / Juntamos mão com mão / Formando uma roda / Cantando uma canção*”⁷.

O mar, elemento central da vida de Lia de Itamaracá, advém entrelaçado à fé e à ancestralidade que ela canta e dança. Sua força está em buscar na valorização da cultura popular um modo de reafirmar o que da cultura afro-brasileira se faz presente ao longo das gerações. Em um dos passos da ciranda, no compasso da música, o pé esquerdo avança, depois dois atrás e mais um à frente, voltando para o centro da roda de novo. Ao centro, todos erguem as mãos. Cada passo com o pé esquerdo se alinha com o ritmo da zabumba; os ombros balançam na direção da roda onde o corpo segue um movimento de vai e vem, imitando uma onda do mar.

Lia parece de algum modo ter encontrado um enganche entre o que é do universal, aquilo que pertence à cultura, com o que lhe seria próprio, ao saber dar dignidade às marcas de sua diferença. Fez dessa tentativa de fazer dela algo de abjeto o objeto de seu trabalho. Em entrevista à *Continente*, diz que “*a ciranda não tem preconceito. Dança preto, dança branco, dança pobre, dança todo mundo. Caiu na roda, dança!*”⁸. E que o racismo se enfrenta de frente. “Lia morre, mas fica a nota no mundo, o trabalho que Lia fez no mundo, já ficou”⁹, ela diz. E canta: “*Eu sou Lia da beira do mar / Morena queimada do sal e do sol / Da Ilha de Itamaracá*”¹⁰.



Foto: **Marcus Leoni**

Link para o vídeo: [África de Itamaracá](#)

6 Lacan, J. (1971-1972). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 227.

7 Música: “*Minha ciranda*”. Composição: Capiba.

8 “Um Espaço para a Itamaracá de Lia”. Link de Acesso: <https://revistacontinente.com.br/secoes/reportagem/um-es-paco-para-a-itamaraca-de-lia>

9 “Lia de Itamaracá e cultura popular brasileira”. Link de acesso: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/lia-de-itamaraca-e-cultura-popular-brasileira/>

10 Música: “*Eu Sou Lia (Ciranda de Lia)*”. Composição: Paulo Viola do Recife.

BOLETIM

CODA

DIRETORIA DO ENCONTRO:

PATRICIA BADARI (*PRESIDENTE*) | NIRALDO DE OLIVEIRA SANTOS (*DIRETOR*)
ALESSANDRA PECEGO E RÔMULO FERREIRA DA SILVA (*COORDENADORES GERAIS*)

COMISSÃO DO BOLETIM:

COORD: GUSTAVO MENEZES (SP) E RENATA GOMES MARTINEZ (RJ) |
ADRIANA RODRIGUES (SUL)
CLEYTON ANDRADE (NE)
DANIELA NUNES ARAÚJO (BA)
FABRÍCIO DONIZETTI (SP)
OLÍVIA VIANA (MG)
THEREZA DE FELICE (RJ)

DESIGNER: BRUNO SENNA